

CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura
N.º 17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2245-9344

CÔA Economia,
Ciência e Cultura
Visão₁₇

CÔAVISÃO 17

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

DESIGN GRÁFICO

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

IMPRESSÃO

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.
Vila Nova de Foz Côa

DEPÓSITO LEGAL

978-972-872-8763-20-6

ISBN

978-972-8763-23-7

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos
Fotografia de António Martinho Baptista

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2015

PERIODICIDADE

Anual

Índice

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
OS COORDENADORES	
ECONOMIA	
Falhas Institucionais e Científicas da Crise da Filoxera - 1863-1893	10
El desarrollo de los ferrocarriles peninsulares transfronterizos con la provincia de salamanca	28
Usos e propriedades da amêndoa	36
Pensar no presente, o futuro do Parque Arqueológico/Museu do Côa no horizonte 2020	42
As pedreiras romanas do Salgueiro	94
Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)	100
Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)	108
Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa	120
O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS),	132
CIÊNCIA	
O Carril Mourisco	52
O traçado romano de uma grande rota contemporânea	
As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço	80
CULTURA	
Banda musical de Freixo de Numão – 1865 – 2015	171
150 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA	
Armando Martins Janeira e o pensamento colonial	181
Adventino Fachada, um artista da história local	183
Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I	187
Criar destruindo: a arte de Vihils	245

◊ Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS) - 2010 - 2015

Resumo

A construção de uma nova barragem hidroeléctrica na região de Trás-os-Montes - *Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (AHBS)* – deu lugar a um ambicioso plano de minimização dos impactes da empreitada de obra. Centrado sobre um território, o Baixo Sabor, esse Plano desenvolveu entre 2010 e 2015 uma aproximação integrada que visou a investigação das dinâmicas de transformação do território na longa duração, da Pré-história aos nossos dias. Encerrados os trabalhos de campo e elaborados os relatórios preliminares, os principais responsáveis pela execução do Plano de Salvaguarda do Património apresentam num *dossier* de síntese os principais resultados e um balanço do processo.

Palavras-chave

Património; Baixo Sabor; Salvaguarda; Minimização.

A Pré-História no Baixo Sabor. Ocupação de um território de transição entre o interior ibérico e o litoral.

Rita Gaspar*

Os territórios a norte do rio Douro, ao contrário do que tem sucedido nas últimas décadas para sul (salientando o caso do vale do Côa), permaneciam marginais relativamente ao processo de incremento do conhecimento arqueológico verificado desde a criação do Instituto Português de Arqueologia. Desde a década de 90, altura em que foram produzidos alguns trabalhos de síntese e teses de doutoramento sobre a região, que pouco se tinha acrescentado relativamente à ocupação humana durante a Pré-História. A construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor (AHBS) e consequente execução do *Plano de Salvaguarda do Património* (PSP) como medida de minimização de impactos veio alterar por completo o panorama arqueológico do nordeste português. Os trabalhos, que incluíram prospeção sistemática, um plano de sondagens de diagnóstico em cerca de 100 sítios, escavações em área e uma componente analítica e de estudo, decorreram entre 2010 e 2014. A equipa responsável pelo *Estudo da Pré-História do vale do Sabor* foi apoiada pelas equipas técnicas de oito empresas de arqueologia. O território alvo do estudo equivale ao afetado pelo AHBS, correspondendo à Albufeira de Montante numa extensão de 60km (área de 2820ha até cota de 234m) e à Albufeira de Jusante numa extensão de 9,6km (área de 200ha até cota de 138m). Tendo em conta a natureza do projeto foram ainda intervencionadas pontualmente áreas fora do vale, ou a cota mais elevada, como sejam os seis restabelecimentos de vias de comunicação (estradas e caminhos), numa extensão total de 24km, entre outras. O enorme investimento de meios e a estratégia implementada desde a fase inicial dos trabalhos levou à identificação de inúmeros sítios arqueológicos e caracterização das ocupações Pré-Históricas e da sua relação com o território.

A densidade de ocupação em algumas zonas e a longa diacronia de ocupação dos sítios parece ser uma característica deste território de geografia acidentada. Desde o início que se implementou uma estratégia interdisciplinar, de dimensão inédita num projeto deste tipo, onde se articularam os vários laboratórios portugueses e estrangeiros responsáveis pelas

análises arqueobotânicas, pedoantracológicas, palinológicas, zooarqueológicas, sedimentológicas, micro-morfológicas, arqueometalúrgicas e pelas datações de OSL, AMS e TL realizadas.

A identificação dos inúmeros sítios arqueológicos inéditos até ao início deste processo remete o início da ocupação deste território para o Paleolítico inferior. Estas ocupações mais antigas estavam já bem documentadas na bacia do rio Douro, em território espanhol, e pontualmente em território português. Estes vestígios do Pleistoceno médio localizam-se nos terraços fluviais de cota mais alta ao longo de todo o curso do Baixo Sabor, à superfície. Estas ocupações, das quais o Terraço do Pido (Torre de Moncorvo) é um bom exemplo, utilizam as litologias locais predominando o quartzo e marginalmente as litologias metamórficas características do vale. O mesmo sucede durante o Paleolítico médio (Gaspar et al., no prelo a). Alguns indícios da presença humana durante o Paleolítico superior tinham já sido identificados no vale, nomeadamente o auroque da Ribeira da Sardinha, os auroques de Sampaio e os equídeos e cervídeos de Pousadouro, na zona de Bragança (Baptista, 2004). Os recentes trabalhos, coordenados pela signatária, levaram à identificação e caracterização das ocupações humanas dos grupos responsáveis pela execução desta arte já identificada, tendo sido ainda intervencionado o sítio com a mais importante coleção de arte móvel ao ar livre a nível peninsular. O sítio da Foz do Medal apresenta uma sequência de ocupações desde o Paleolítico superior inicial até ao Magdalenense, indicando um ocupação recorrente do espaço, e em algumas fases com uma dimensão considerável. A ocupação de cronologia

*
Coordenadora do
Estudo da Pré-
história

1
Neoépica, Lda.;
Archeoestudos,
Lda.; Arqueologia e
Património, Lda.;
Crivarque, Lda.;
NovaArqueologia,
Lda.; Archeocélis,
Lda.; Munis, Lda. E
Empatia
arqueologia, Lda.

Gravetense estende-se por 210 m² aproximadamente, tendo sido recolhido um conjunto de cerca de 56 000 peças.

O quartzo predomina enquanto matéria-prima utilizada inclusive na utensilagem, que se constitui sobretudo de elementos retocados e entalhes. Surgem ainda as típicas pontas de gravette e as microgravettes. Durante o Solutrense assiste-se a uma alteração na gestão dos recursos líticos. A seleção do quartzo surge em paralelo com o quartzito e denota-se um incremento da utilização de rochas exógenas como o sílex (Gaspar et al, submetido b). A excelente capacidade para talhar quartzo contínua presente nestas populações do interior, bem visível na presença da base de folha de loureiro em quartzo leitoso. Curiosa é a presença paralela de seixos talhados de quartzito.

A ocupação Magdalenense é a mais intensa do local, podendo a densidade de peças por metro quadrado atingir os 3700 elementos. O quartzo volta a dominar a coleção, no entanto é visível uma maior diversidade de litologia, apontando para uma exploração territorial mais vasta. O sílex ganha predominância sobretudo no fabrico de produtos alongados, e mesmo na produção de utensilagem. Esta ocupação de ar livre caracteriza-se também pela presença de um importante conjunto de arte móvel, único a nível europeu (Figueiredo et al, 2014).

Outra novidade decorrente dos trabalhos no Baixo Sabor é a presença de ocupações mesolíticas preservadas. Estas ocupações do Holoceno inicial indicam uma presença continuada na região, indicando o estudo das coleções uma proximidade com o mesolítico de entalhes e denticulados descrito por Alday (2004) para a região do Ebro. Em toda a diacronia do Paleolítico superior e Holoceno inicial existe a uma recorrente exploração de recursos locais, nomeadamente quartzo, com aplicação de técnicas específicas (Gaspar et al, submetido a). As dinâmicas destas comunidades estão ainda em estudo, pela equipa responsável. As ocupações de comunidades sedimentárias foram também identificadas ao longo do vale. Salientam-se os sítios Terraço das Laranjeiras, Núcleo da Quinta do Rio (Gaspar et al, 2014b) e Crestelos. Da Idade do Bronze não só foram identificados os sítios de povoamento como também os sítios de sepulcro (Gaspar et al, 2014a; Gaspar et al, 2014c). A caracterização das ocupações Pré-Históricas deste território de transição para o interior peninsular é fundamental, e irá continuar pela equipa responsável, sendo notórias as singularidades deste vale e a sua relação com o interior ibérico.



Fig.1: Área de Crestelos e Foz do Medal como exemplo da densidade e longa diacronia de ocupação humana no vale do Sabor. A ocupação deste espaço inicia-se no Paleolítico inferior (a) tendo sido identificada uma longa sequência desde o Paleolítico superior antigo ao Magdalenense em ambas as margens da foz da ribeira do Medal (b e c). Importante é também a ocupação de época Calcolítica e da Idade do Bronze do Povoado de Crestelos (d). A ocupação desta área continuou durante a Idade do ferro, período romano, Idade Média até ao século XX. É também nesta área que se localiza a Capela de Santo Antão.

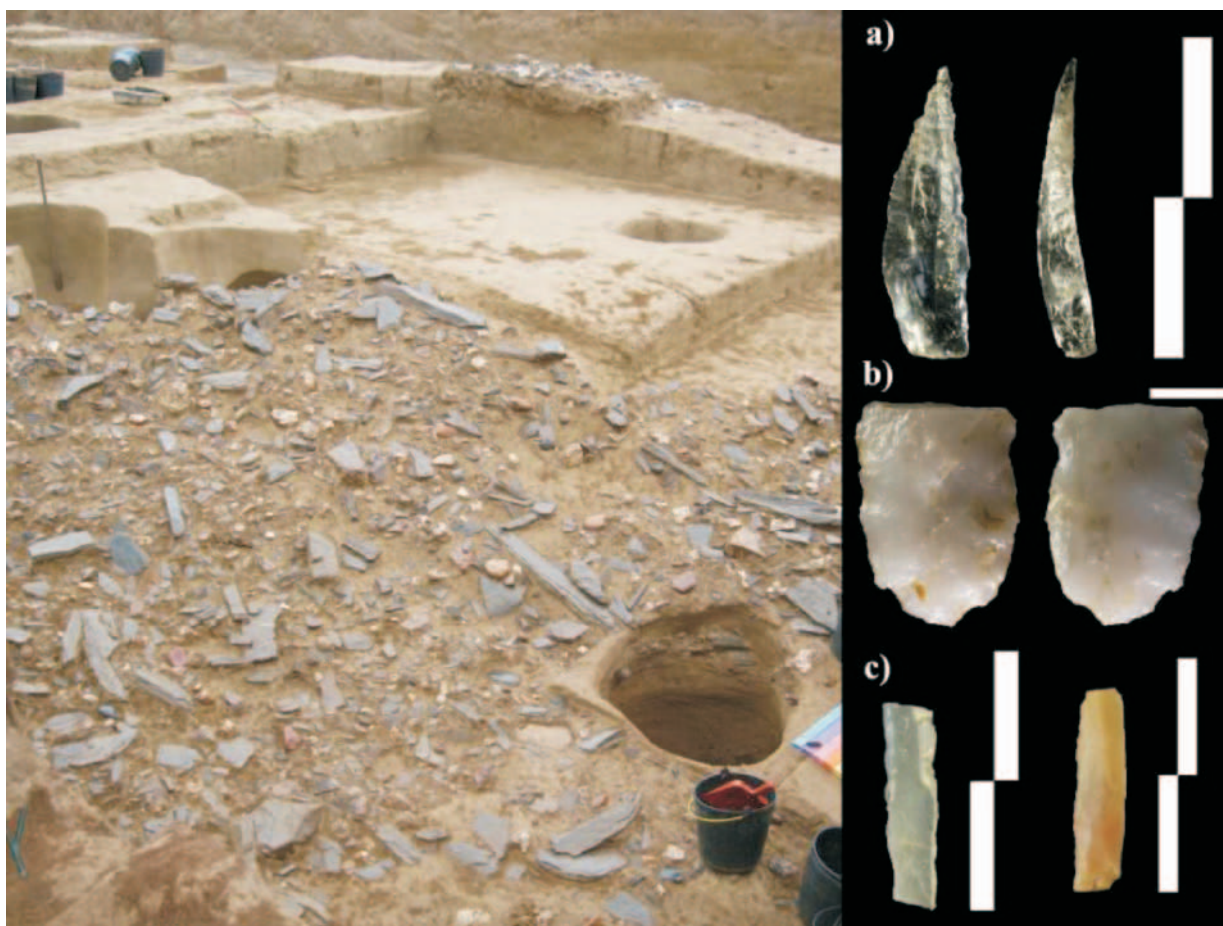


Fig.2: Depósito [1055] correspondendo à ocupação Magdalenense do sítio Foz do Medal (MD); a) microgravette em cristal de rocha da ocupação Gravetense; b) base de folha de loureiro em quartzo leitoso da ocupação Solutrense; c) lamelas de dorso em cherte da ocupação Magdalenense. As peças a) e c) foram recolhidas nas ocupações da Margem Direita e a peça b) na ocupação da Margem Esquerda.

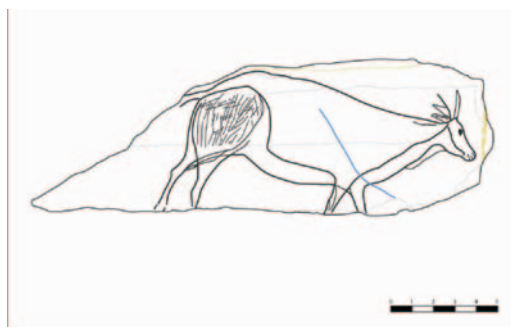


Fig. 3: Placa em grauaque com gravura incisa de um caprídeo. Exemplar de arte móvel recolhido no nível Magdalenense do sítio de ar livre Foz do Medal (MD).



Fig.4: Pormenor de estruturas dos níveis mesolíticos do sítio Terraço do Vale da Bouça.



Fig.5: Componente cerâmica do período Calcolítico e Bronze inicial (em cima) e anel com decoração em espiga (em baixo) proveniente do núcleo de ocupação da Quinta do Rio.



Fig.6: Enterramento duplo da Idade do Bronze médio do sítio Foz do Medal (MD).

Bibliografia

Baptista, A. M. (2004) A arte paleolítica no rio Sabor, *Tribuna da Natureza*, 18, p 6.

Figueiredo, S. S.; Nobre, L.; Gaspar, R.; Carrondo, J.; Cristo-Ropero, A.; Ferreira, J.; Silva, M. J.; Molina, F. J. (2014) Foz do Medal terrace. An open-air settlement with Paleolithic mobile art. *INORA – International Newsletter on Rock Art* 68:12-20.

Figueiredo, S. S.; Nobre, L.; Gaspar, R.; Carrondo, J.; Cristo-Ropero; Xavier, P.; Gaspar, R.; Carrondo (no prelo) Reassembly methodology in Palaeolithic engraved plaques from Foz do Medal Terrace (Trás-os-Montes, Portugal). Atas do III Encuentro Internacional de doctorandos y postdoctorandos. El Arte de las Sociedades Prehistoricas, 5-8 de Dezembro de 2013, *Museu de Nerja*.

Gaspar, R. (2014) O vale do Sabor enquanto palco de mudança. O caso de Mogadouro, *Atas do I Encontro da Arqueologia de Mogadouro*, 19 de abril de 2013. Mogadouro: Câmara Municipal, 33-50.

Gaspar, R.; Dias, M. J.; Meireles, J. (no prelo a) O Terraço da Ponte do Sabor. Vestígios de uma ocupação Pleistocénica entre o vale da Vilariça e o vale do Sabor (nordeste português), *Cadernos do GEEvH*.

Gaspar, R.; Ferreira, J.; Carrondo, J.; Dias, M. J. (submetido a) The use of quartz during the Upper Paleolithic and Early Mesolithic in Sabor valley (NW Iberia): The Foz do Medal case, *Quaternary International*.

Gaspar, R.; Ferreira, J.; Molina, F. J.; García-Vallido, F.; Rebelo, P.; Neto, N. (submetido b) Away from the edges: a new Solutrean site in interior Iberia. Foz do Medal Left Bank, Sabor Valley, Northeast Portugal (NW Iberia), *Journal of Anthropological Research*.

Gaspar, R.; Carrondo, J.; Nobre, L.; Rodrigues, Z.; Donoso, G. (2014a) Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze, *Estudos do Quaternário*, 10: 59-72.

Gaspar, R.; May, A.; Donoso, G.; Tereso, J. (2014b) O Abrigo Natural do Lombo de Relvas: um local de enterramento do Neolítico final/ Calcolítico inicial?, *Al Madam*, 19-1: 25-35.

Gaspar, R.; Ribeiro, R.; Rebelo, P.; Neto, N.; Carvalho, M. L. (2014c) Bronze age funerary contexts in northeast Portugal. Terraço das Laranjeiras (Sabor valley), In: A. Bettencourt, B. Comendador, H. Sampaio e E. Sá (eds), *Corpos e metais na fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do bronze*, 49-62.